



DISCO RISCADO

Edição: Alexandre Giesbrecht

Colaboração: Eduardo Costa



Isto é julho



O ponteiro dos minutos aproximava-se inexoravelmente do 12. Nas mesas de diversas pessoas espalhadas principalmente pelos Estados Unidos e Canadá, uma papelada amontoava-se e o irritante zumbido das calculadoras soava freneticamente, enquanto os celulares ainda estavam razoavelmente quietos. Assim que os ponteiros dos minutos, segundos e horas se encontraram para dar a notícia do meio-dia, celulares começavam a vibrar e a tocar junto com as primeiras badaladas do sino de qualquer igreja próxima, num ritual anual em homenagem à estupidez e à ganância.

Era hora de uma parte começar a torrar dinheiro e de a outra lucrar com isso. Nas 12 primeiras horas depois que o mercado de agentes livres se abriu, 46 jogadores receberam contratos totalizando nada menos que US\$ 406 milhões, sendo mais de 45% desse valor para apenas cinco jogadores.

Ninguém ganhou mais dinheiro naquele 1.º de julho que Marián Hossa (acima), que deixou os Red Wings para assinar contrato com os Blackhawks por um total de US\$ 62,8 milhões, distribuídos ao longo dos próximos 12 anos. Mesmo assim, ele foi também quem mais deixou de ganhar dinheiro: no ano passado, assinou um contrato

de um ano com o Detroit por um valor abaixo do mercado e deixou na mesa uma proposta que totalizava cerca de US\$ 110 milhões, feita pelos Oilers. Sim, 62 milhões de verdinhas são uma grana considerável, mas 47 milhões também somam um valor respeitável. Tudo porque o atacante achou que os Wings lhe dariam a melhor chance para ganhar a Copa Stanley. Ele ficou a uma vitória de consegui-la e, pelo segundo ano seguido, teve de ver o adversário levantar o caneco, desta vez seu próprio ex-time, os Penguins.

Na apresentação em Chicago, Hossa deu uma declaração polêmica, que pode ou não ter sido uma indireta à



autoproclamada Cidade do Hóquei, Detroit: “É muito bom estar em uma cidade do hóquei.” Se ofendeu ou não o pessoal da Cidade do Motor, sabermos em 8 de outubro, quando os Hawks visitarão os Wings. Poucas semanas antes, o atacante já havia proferido palavras semelhantes às do ano passado. “[O Chicago] tem chance de ganhar a Copa”, disse Hossa, para deleite da torcida de Detroit, que sabe que isso não é nenhuma garantia de título. No caso dos Hawks, o futuro de um time jovem e talentoso parece brilhante, mas o teto salarial coloca uma névoa sobre ele já a partir da temporada de 2010-11. Os contratos de Patrick Kane e Jonathan Toews vencem após a próxima temporada, e ambos deverão receber aumentos consideráveis sobre seus salários atuais, de menos de US\$ 900 mil anuais. Considerando que o time já tem US\$ 32 milhões comprometidos com apenas oito jogadores para 2010-11 (incluindo o lamentável contrato de Brian Campbell, que pesa US\$ 7,1 milhões contra o teto até 2015-16) e o teto salarial deve cair para aquela temporada, será preci-

torcida não confia em Cristóbal Huet, o único goleiro no elenco depois da saída de Nikolai Khabibulin e que também pesa bastante contra o teto (US\$ 5,6 milhões), servem para dificultar ainda mais o trabalho de Bowman.

Curiosamente, o teto salarial também foi o grande responsável pela saída de Hossa dos Wings. “Se não houvesse o teto salarial, eu ainda estaria em Detroit”, garante o jogador. Depois de alienar a torcida de Pittsburgh com sua saída em julho passado, ele espera que a recepção na Joe Louis Arena quando lá ele voltar vestindo a camisa dos Hawks seja melhor do que a que ele recebeu nas quatro visitas que fez à Mellon Arena na temporada passada. Com a grande rivalidade entre Chicago e Detroit, é difícil garantir que isso aconteça: “Todo mundo sabia que, na minha situação, seria difícil assinar um contrato longo com o Detroit. Zetterberg e Franzen renovaram, e obviamente, se eu também tivesse renovado, é provável que outros cinco caras tivessem de [deixar o time].”

O peso que o contrato de Hossa vai ter é o mesmo que o de Scott Gómez

nessa negociação. Mal o contrato de Gómez deixou os livros contábeis de Nova York, os Rangers mostraram que não aprenderam com seu erro: assinaram outro gordo contrato, de US\$ 37,5 milhões por cinco anos, com Marián Gaborik, ex-Wild. Não que Gaborik seja um bonde; ele é um jogador estelar. Isso quando ele está no gelo. O último remanescente do elenco original do Wild ficou conhecido em Minnesota como “a virilha mais famosa do hóquei”. Ele é o maior goleador (219 gols) e o maior artilheiro (437 pontos) da história do Wild, mas, mais que as contusões, as disputas contratuais desgastaram sua imagem com a torcida a ponto de haver muita gente por aquelas bandas que não está muito triste pela perda de seu melhor jogador.

O sucesso desse novo contrato dependerá muito de qual Gaborik desembarcará no Madison Square Garden. Aquele que ficou fora de 42% dos jogos de seu time ao longo dos últimos três anos ou aquele que só não marcou 50 gols em nenhuma temporada por causa do esquema tático focado na defesa do ex-técnico Jacques Lemaire?

Aquele que tem a quarta melhor média de gols por jogo desde 2005-06 ou aquele que na temporada passada contunuiu-se no primeiro dia da pré-temporada, depois no segundo dia da temporada

regular e mais uma vez depois de apenas quatro jogos? O atacante garante que finalmente descobriu a causa de seus eternos problemas na virilha. Os Rangers estão apostando nisso.

Se há uma constante nos principais contratos assinados por agentes livres irrestritos, é a aposta alta que os times fizeram. Além de Hossa e Gaborik, os gêmeos Daniel e Henrik Sedin (que

com os Rangers. Resta saber se a pro-

dução de Hossa será superior à do alaskiano. Os Rangers pareciam ter entrado por cima no mês de julho, depois de se livrarem do polpudo contrato de Gómez, mandado para Montreal em troca de um pacote decente, em vez dos parafusos usados que se esperaria

Entre os principais contratos fechados em julho há grandes e arriscadas apostas

so que o novo gerente geral, Stan Bowman, que substituiu Dale Tallon no último dia 14 (ver mais na página 7), tenha dons mágicos entre suas habilidades. O fiasco da cara renovação de contrato de Kris Versteeg e outros agentes livres restritos e o problema no gol, já que a

FRASES

tecnicamente não se tornaram agentes livres irrestritos, pois renovaram contrato minutos antes da abertura do mercado) assinaram contratos gêmeos de US\$ 30,5 milhões por cinco anos. Nesse caso, a aposta é o investimento tão alto em jogadores que comprovadamente só produzem quando na mesma linha. A aposta que os Canadiens fizeram em Mike Cammalleri é menor, limitada a um contrato vultoso demais (US\$ 30 milhões por cinco anos) para um jogador com pouquíssima experiência em playoffs, mas isso tende a mudar se esse novo time que o Montreal está montando funcionar — dos quatro jogadores contratados na abertura do mercado, apenas Hal Gill tem mais de 1,80 metro.

Além dos Canadiens, os Devils também deverão ter uma cara diferente no ano que vem. Brian Gionta e John Madden, dois jogadores que estavam no time desde o início da década, foram, respectivamente, para Montreal e Chicago. Mike Rupp, que não é exatamente a cara da franquia, mas defendeu-a em cinco das últimas seis temporadas, também está de saída, para Pittsburgh. Nada disso preocupa o GG Lou Lamoriello: “Este não é um dia triste de jeito nenhum”, explicou. “Não vejo como uma perda. Ora, nunca se sabe. Temos a tendência de conseguir jogadores de volta depois de alguns anos.” Para ele, Madden pode vir a se beneficiar de uma mudança de ares, enquanto Gionta era simplesmente caro demais. A prioridade para ele era renovar com Johnny Oduya e Andy Greene, e isso ele conseguiu.

Alexandre Giesbrecht, 33 anos, gastou mais do que devia com produtos relativos ao título de seus Penguins

Ao contrário da NHL, temos um procedimento para rescisão de contratos em vigor. Não temos familiaridade com as regras de escravidão que são aplicadas aos jogadores da NHL.

Alex Medvedev, presidente do St. Petersburg, da liga russa, reclamando do fato de o inigualável Joel Kwiatkowski ter assinado contrato com os Thrashers dois dias depois de ser contratado pelo time russo.

É mais fácil nevar no inferno que [Nik Antropov voltar para os Rangers]. É ridículo. Odeio criticar um empresário de jogador, mas tenho de ser realista.

Glen Sather, gerente geral dos Rangers, sobre a suposta pedida de US\$ 5 milhões por ano de Antropov. Não foi surpresa que o atacante tenha assinado poucos dias depois com os Thrashers, a US\$ 16 milhões por quatro anos.

Eu não conseguia torcer pelo Pittsburgh. Mas, já que eles ganharam, vou usá-los [como motivação].

Bruce Boudreau, técnico dos Capitals, depois do título dos Penguins, esquentando a rivalidade entre os dois times.

Há muitos bons jogadores no clube, e sei que vai ser difícil ficar no time, mas esse é o meu objetivo. Eu cheirei um pouco da NHL no ano passado e, quando você sente esse cheiro, você quer sentir mais, porque ele é melhor que [o cheiro da AHL].

Peter Regin, prospecto dos Senators.

Ah, é muito bom. Eu acho que vou gostar disso quando o Dallas ganhar a Copa no ano que vem.

Stéphane Robidas, defensor dos Stars, que nunca ganhou a Copa Stanley, ao tocar no troféu, que estava com seu ex-colega Philippe Boucher, campeão em junho com os Penguins. Como se sabe, os deuses do hóquei não gostam dessa atitude.



Fim de uma era



Foram 563 jogos como timoneiro dos Canadiens e nenhuma Copa levantada.

O líder dentro do gelo nesse período atuou em 13 dos atuais 16 anos de seca e ficou marcado por inúmeras contusões e pelo fato de nunca ter se esforçado o bastante para se tornar um francófono. Tudo isso poderia ter feito de Saku Antero Koivu uma espécie de vilão, símbolo de uma era de derrotas para o clero tricolor. Mas não foi assim. Os caminhos de Koivu e dos Habs não são mais os mesmos, porém o finlandês deu adeus ao time com a melhor das imagens, possuindo as credenciais de quem chegou a ir ao extremo para representar sua esquadra no gelo. Os infortúnios físicos foram dos mais variados em sua longa jornada na bela província e nos deixam com uma questão insolúvel: o que teria feito um Koivu saudável nesse longo período em Montreal?

No início da temporada de 1996-97, Koivu, um atleta de fino trato com o disco e velocidade superior, era co-artilheiro da liga com 38 pontos até uma significativa lesão no joelho em partida contra os Blackhawks. As temporadas seguintes não foram diferentes. Em 1997-98, contusão na costela e novo período no estaleiro. No ano seguinte, cotovelo, abdôme e novamente joelho. Em seguida, um ombro descolocado rendeu 40 jogos na enfermaria, com mais 13 de bônus (?) devido a mais uma mazela no joelho — mesma articulação que volta a tirá-lo de ação em 2000-01.

Em 4 de setembro de 2001, acreditando estar no melhor forma de sua carreira, Koivu seguia para a pré-temporada e, ainda no vôo que o levava para Montreal, sentiu forte desconforto no estômago. A dor ganhou força e levou-o a consultar um médico em Quebec. Este no início imaginou tratar-se de apendicite. Quando os exames de sangue chegaram, o cenário foi desolador: uma biópsia confirmou que havia um linfoma não-Hodgkin em seu abdôme; longe de ser o pior tipo de câncer, mas ruim o bastante para matar 50% dos pacientes — estatística que o médico dos Canadiens evitou mencionar a Koivu. Dois dias depois do diagnóstico, ao invés de expor seus anseios para a temporada, os Canadiens informaram numa entrevista coletiva que seu capitão tinha câncer.

A junta médica teve que buscar uma quimioterapia cujas drogas não tornassem impossível o regresso de Koivu ao hóquei. O tratamento escolhido foi dos mais agressivos, praticamente insuportável se não se tratasse de um atleta profissional. Foram oito ciclos de quimioterapia. Logo no início a maratona deixava o jogador tão debilitado que tornava tarefas simples, como falar ou andar, impossíveis durante dias. Mesmo assistir a TV estava fora de questão. Literalmente, Koivu viveu nas trevas durante boa parte de seu tratamento. Por quatro meses um tubo levou drogas ao seu coração. O amigo e ex-colega de equipe Mark Recchi

acompanhou tudo de perto: ele confiava que Koivu venceria a batalha contra a doença, assim como outro amigo de profissão, John Cullen. Mas nada pôde fazer para evitar o sofrimento dos pais de Koivu, que a cada grito de dor de seu filho desabavam em lágrimas.

Enquanto a junta médica pensava em salvar a vida de seu paciente, Koivu tinha em mente uma volta completa. Não apenas viver, mas voltar a jogar pelos Canadiens. Em dezembro, antes mesmo de a quimioterapia ser finalizada, Koivu foi patinar no Molson Centre (hoje Bell Centre). Parecia um risco, mas o dr. Mulder deu permissão, desde que ele patinasse sozinho e sem plateia. Psicologicamente, seria ótimo para o atleta. Mais algumas sessões de patinação, e Koivu começou a se perguntar quando poderia voltar a jogar. Os médicos deram três meses de prazo, no mínimo. O finlandês achava isso tempo demais. Ele queria voltar a tempo de ajudar seus companheiros a conseguir uma das últimas vagas à pós-temporada. Para isso foi necessária uma batelada de testes físicos. Nessa hora seu histórico de contusões jogou a favor: muitos dos dados necessários já estavam disponíveis devido ao intenso tráfego anterior de Koivu pela enfermaria do time. Alguns especialistas que trabalharam na recuperação do ciclista Lance Armstrong, sobrevivente de câncer testicular, contribuíram para deixá-lo apto ao hóquei profissional de novo. Na manhã de 8



de abril de 2002 recebeu o sinal verde. No dia seguinte, diante de sua torcida, entrou no gelo contra os Senators, em momento que não deixou ninguém indiferente. Equipes em outros fusos horários interromperam treinos ou preparações para jogos, a fim de acompanhar o momento pela TV.

Ao invés de um leito de hospital, o gelo do Molson Centre. No lugar de injeções e drogas, um taco de hóquei. A vitória sobre os Sens sacramentou a vaga nos playoffs. Koivu não pontuou, mas teve 23 segundos a mais de tempo de gelo do que de aplausos (8 minutos). Ele somaria dez pontos em 12 cortejos nos playoffs, quando liderou sua vitoriosa tropa em uma brutal série contra os Bruins. Com isso, tornou-se impossível dissociar Koivu daquela torcida e dos Canadiens. Na campanha seguinte Saku atuou em todos os prélios e chegou a sua melhor pontuação na carreira, 71 pontos. Mas os playoffs foram-lhe negados, tirando o sabor da conquista individual. Na pós-temporada de 2006, nova contusão assustadora. Com os Habs liderando a série contra os Hurricanes por 2-0, Koivu foi atingido na vista pelo taco de Justin Williams durante o terceiro jogo. O estrago foi tão grande

que o tirou do restante dos playoffs. Os Habs sucumbiriam diante do eventual campeão em seis jogos. Koivu teve de submeter-se a uma cirurgia de retina. O incidente diminuiu sua visão periférica no olho atingido. Era muita falta de sorte, o que gerou interrogações napoleônicas na cidade.

Embora o fim do ciclo Koivu já tenha sido cogitado há anos, foi só em julho passado que a separação ocorreu. O gerente geral Bob Gainey disse a Koivu que não lhe ofereceria um novo contrato, confirmando o que se especulou depois da precoce eliminação nos playoffs. O primeiro capitão europeu da organização não mais fazia parte dos planos da diretiva tricolor. Dois dias após Alexei Kovalev assinar com os Senators, Koivu agradeceu aos Canadiens por tudo, disse estar extremamente orgulhoso de ter feito parte da instituição e logo depois anunciou ter assinado com os Ducks, recebendo US\$ 3,25 milhões por uma única temporada. Muito se falou de uma ida para o Wild, onde milita seu irmão mais novo, Mikko, mas Saku disse que não gostaria de “brigar” por tempo de gelo com o também central e de roubar a atenção que o irmão conquistou nas cidades gêmeas.

Na Califórnia o jogador de 34 anos reunir-se-á com o compatriota Teemu Selanne. O duo ficou com a prata pela seleção finlandesa no mundial da Noruega, em 1999, e nas Olimpíadas de Turim, em 2006. Na ocasião da primeira conquista, Selanne disse à imprensa de seu país que gostaria de jogar com Koivu na NHL. Uma década depois o desejo de Selanne virou realidade. Em Anaheim Koivu experimentará um cenário bem diferente de Montreal, em especial no que diz respeito à pressão da imprensa. A possibilidade de entrar num restaurante qualquer no Condado de Orange e não ser reconhecido é um belo atrativo para o tímido finlandês. O que não muda são as aspirações dos Ducks, altas como as de qualquer equipe, inclusive os Habs.

Se tivesse renovado com os Canadiens, Koivu entraria em sua décima temporada como capitão, igualando o mítico Jean Béliveau, que venceu dez Copas Stanley como *habitant*. Embora o finlandês saia sem ter levado sua equipe ao sonhado troféu e de estar anos-luz atrás do que representou Béliveau para o hóquei, ele certamente igualou-se ao canadense nos quesitos classe e amor à camisa. Por **Eduardo Costa**



O fator Pronger



Corria o dia 2 de maio de 2006, e os Flyers tinham acabado de ser eliminados dos playoffs pelos Sabres, com uma impiedosa goleada por 7-1 em casa. O dono do clube, Ed Snider, ainda de cabeça inchada, deu uma entrevista ao jornal Philadelphia Inquirer em que disse que não trocava mais jovens promessas por veteranos. “Se levar mais tempo para conquistarmos a Copa, tudo bem”, disse Snider. “Não vamos mais correr atrás da Copa sacrificando o futuro.” Para ele, o desenvolvimento de prospectos era a única maneira de levar o clube ao título.

Até agora. Pouco antes do recrutamento, o time da Filadélfia trouxe Chris Pronger do Anaheim, em troca do atacante Joffrey Lupul, de 25 anos, do zagueiro Luca Sbisa, de 19, de duas escolhas de primeira rodada e uma condicional de terceira. O que teria feito Snider mudar de ideia? Uma série de fatores, provavelmente, como um grande respeito a Pronger e a tentativa de equilibrar o jogo não só dentro da divisão, mas dentro do próprio estado. “Definitivamente, achamos que estamos perto dos Penguins”, disse. “E, para ganhar a Copa, você tem de passar pelos Penguins. Eles são bem jovens e vão ficar melhores, então não podemos ficar parados.”

O gerente geral dos Leafs, Brian Burke, com sua tradicional sinceridade, não demorou para dizer que Pronger “nasceu para vestir laranja”,



em referência ao time dos Flyers que ficou conhecido nos anos 1970 como Valentões da Rua Broad e também ao fato de o clube ter sido o campeão de penalidades na última temporada regular. Snider não soube dizer se isso era um elogio ou não, mas avaliou que as contratações de jogadores mais agressivos, como Dan Carcillo, Ian Laperrrière e, agora, Pronger, causa um efeito colateral nos minutos de penalidades.

Inicialmente, o dono dos Flyers estava preocupado com o fato de o zagueiro estar no último ano de contrato: “Obviamente, se não conseguirmos renovar com ele, o que cedemos terá sido demais.” Menos de uma semana depois, Pronger assinou uma extensão de seu contrato, o que parecia ter resolvido as preocupações de Snider. Ledo engano. Ao assinar por sete anos, com o grosso do dinheiro sendo pago nas cinco primeiras temporadas, os Flyers aparentemente caíram numa armadilha fiscal, a pouco conhecida cláusula dos 35 anos. Como o contrato será válido a partir do ano que vem, Pronger já terá com-

pletado 35 anos, por isso, se resolver se aposentar antes de cumprir o termo, sua média salarial continuará pesando contra o teto salarial do time.

Com os contratos de longuíssimo prazo em voga na NHL, especialmente depois dos contratos que os Red Wings deram a Henrik Zetterberg e Johan Franzen, todo time quis tirar uma casquinha dessa ideia. Os Flyers ou não leram direito o acordo coletivo de trabalho ou esperam que, pelo fato de Pronger ter assinado o contrato antes de fazer 35 anos (apesar de o contrato começar a valer um ano depois), possa ser aberta uma exceção, algo que a NHL já adiantou que não vai acontecer. “Se for isso que eles estão fazendo, eles estão tentando fazer um 747 passar pela brecha”, avisou um executivo da liga que preferiu manter o anonimato em declaração à revista The Hockey News. Imagine um time com US\$ 5 milhões a menos de espaço sob o teto por causa de um jogador aposentado. Isso pode muito bem acontecer na Filadélfia em alguns anos.

O fator Hossa



A contratação de Marián Hossa pelos Blackhawks suscitou dúvidas sobre a capacidade do time para renovar satisfatoriamente os contratos de Patrick Kane e Jonathan Toews ao final de 2009-10. Com US\$ 18 milhões (cerca de um terço do teto salarial) comprometidos com apenas três jogadores (Hossa, o defensor Brian Campbell e o goleiro Cristóbal Huet; os dois últimos com atuações muito questionadas em 2008-09), segurar todas as jovens e importantes peças da reconstrução do time tornou-se um desafio. Para piorar a situação, no fim de junho o clube cometeu um erro infantil ao lidar com as ofertas de renovação de seus oito agentes livres restritos, entre eles Kris Versteeg e Cam Barker, que quase ganharam o status de irrestritos, o que os liberaria para assinar com qualquer time. No fim das contas, todos renovaram com o time, mas por preços maiores do que se tudo tivesse corrido como planejado. Versteeg e Barker, por exemplo, assinaram por três anos a US\$ 9,25 milhões;

se ainda fossem agentes livres restritos, poderiam jogar a próxima temporada com um aumento de 10% sobre os salários do ano passado, respectivamente US\$ 490 mil e US\$ 984 mil.

As teorias da conspiração, como as divulgadas pelo jornal [Boston Globe](#) e pela revista [Sports Illustrated](#), dão conta de que as ofertas para os jogadores teriam sido preparadas no prazo, mas foram atrasadas dentro do clube, supostamente a mando do presidente John McDonough. Sendo essa história verdadeira ou não (McDonough disse, brincando, a uma rádio local, que escondera os selos), o gerente geral Dale Tallon assumiu a culpa: “Aguento as críticas.” Não aguentou. Em 13 de julho começaram a circular rumores de que ele teria sido demitido, o que foi confirmado no dia seguinte. McDonough apontou o problema com os agentes livres restritos como a gota d’água. O substituto de Tallon? Stan Bowman, filho do legendário técnico Scotty Bowman, que deu o nome ao rebento em homenagem ao troféu que ganhou por

nove vezes. O velho Bowman fora contratado pelos Hawks em julho do ano passado, como conselheiro sênior de operações de hóquei. Já seu filho está há oito anos com o Chicago, sendo os últimos quatro como assistente especial do gerente geral.

A demissão de Tallon gerou um efeito colateral inesperado: Martin Havlat, que não teve seu contrato renovado e assinou com o Wild, detonou a decisão do ex-time em [sua página](#) no Twitter. Horas depois, deu uma entrevista a Darren Dreger, da TSN, e não fugiu da raia. “Eu me identificava muito com o Dale”, disse Havlat. “McDonough sabia havia muito tempo que ele iria demitir Dale. Ele queria aparecer nas convenções e ficar com o crédito por contratar esse cara ou aquele cara.” Tallon não comentou as declarações de Havlat. E não deverá fazê-lo tão cedo: os Hawks ofereceram-lhe um contrato de dois anos como conselheiro, e ele manterá basicamente o mesmo salário que recebia como gerente geral.

Os tempos conturbados em Chicago não pararam por aí. Em agosto a liga divulgou que investigará o contrato de Hossa, que ela mesma aprovara, para “ter certeza” de que ele não foi estruturado para passar por cima do teto salarial — ela *não tem* certeza? Pouco depois, Patrick Kane, a jovem estrela do time, foi preso em Buffalo, acusado de espancar um taxista por causa de um troco de US\$ 0,20. Definitivamente, um verão a se esquecer em Chicago.



Aposta de **risco**



Tudo que um atacante veloz, arisco e com faro de gol deseja é atuar em um esquema que o favoreça, que potencia-

lize seus predicados. Marián Gáborik só teve um comandante até hoje na NHL. Foram 531 cortejos — incluindo playoffs — sob a batuta do paladino da retranca, Jacques Lemaire. Muitos desejavam ver o ás ofensivo esbaldando-se em um território menos estéril, onde poderia marcar ainda mais que os atuais 459 pontos e 231 tentos. Essa hora chegou. Curiosamente, Gáborik e Lemaire terminaram suas longas jornadas em St. Paul nesta mesmíssima entressafra. Porém, como o destino é peralta e jamais se nega a uma traquinagem, esses personagens pelearão na mesma divisão.

Enquanto o veteraníssimo treinador retorna aos Devils, uma organização onde foi peça-chave na conquista de uma Copa e de respeitabilidade, Gáborik aportará em Nova York, onde a torcida dos Rangers espera que ele faça pelos Camisas Azuis o mesmo que fez contra a equipe. Certamente nenhum torcedor dos Rangers esqueceu o [pré-líio disputado contra o Wild](#) no Xcel Energy Center, em dezembro de 2007. Na oportunidade, o eslovaco transformou a retaguarda dos originais em pó, cinzas, fumaça e qualquer outra coisa que resulte de uma total destruição. Seis pontos e cinco gols — essa últi-

ma marca não era alcançada havia 11 anos. E todo esse estrago sendo feito contra o notável Henrik Lundqvist.

Gáborik não era o primeiro nome da lista de compras de Glen Sather, que desejava contar com os serviços do atual inimigo número 1 do Canadá, Dan Heatley. Para isso, usaria o esverdeado cabedal que sobrou após ter brilhantemente empurrado Scott Gómez e seu nababesco contrato para o Montreal. Como o pacote, que, segundo fontes, incluía o defensor Michal Rozsival e o xodó da torcida, Brandon Dubinsky, não deu certo, Sather partiu para o plano B. Uma alternativa que come uma boa fatia do teto da equipe — contrato válido por cinco anos, para um total de US\$ 37,5 milhões —, mas que não custou um único atleta.

Certamente a maior preocupação da numerosa torcida de Manhattan é o histórico de enfermidades do atacante, um tormento constante em sua carreira. A torcida já experimentou isso com Pavel Bure, um jogador ainda mais rápido e goleador que Gáborik, e que passou boa parte de sua estada na cidade contando milhões de dólares em cima de uma padiola na suíte presidencial do Waldorf-Astoria. Na última temporada o eslovaco participou de apenas 17 jogos, algo fatal para as pretensões do Wild, que ficou fora dos playoffs. Com apenas 27 anos de idade, entrando no período

tido como o ápice para a maioria dos atletas, Gáborik diz crer em uma passagem saudável pelos Rangers: “Estou muito confiante que os problemas com minha saúde fazem parte do passado e que, saudável, poderei produzir o que espero. Atuei nos últimos onze jogos da temporada e depois tirei o tempo necessário para chegar aos 100%. Virei a página e estou iniciando uma nova vida no hóquei.” Um novo ciclo que será orquestrado por John Tortorella, treinador extremamente exigente e inflexível, mas que privilegia agressividade ofensiva e é um entusiasta do jogo bonito. Algo bem diferente do jogo passivo que limitava a criatividade de Marián nas cidades gêmeas.

A missão agora é encontrar o central ideal para o recém-chegado. “Eu posso partir para a disputa direta em certas situações, mas prefiro atuar com um central que saiba carregar o disco enquanto eu busco o melhor posicionamento para uma finalização.” As chances maiores de parceria recaem em Chris Drury ou Dubinsky. Se confirmar — e que grande “se” — essas expectativas de durabilidade, poderemos ver o duelo contra Lemaire seis vezes na próxima campanha. Conferir o que Gáborik fará, ou não, diante de seu ex-déspota é algo que vai merecer nossas atenções na temporada de 2009-10. Por **Eduardo Costa**





Compasso de espera



Deve haver algo de errado com a água em Ottawa. Só isso explica o que se passa na capital canadense. Já possuidora de um histórico nada favorável, que envolve jogadores que eram certeza de sucesso e acabaram não dando resultado, além da já conhecida fama de franquia amarela nos playoffs, agora a torcida terá de lidar com mais uma fama desagradável: a de franquia indesejada. Alexei Yashin foi o primeiro. Claro que seguindo seus próprios motivos (\$), mas preferiu até mesmo passar uma temporada em casa ao invés de honrar seu contrato com os Senators. Ao menos o final foi feliz, graças ao grande amigo de todos os outros gerentes gerais da NHL, Mike Milbury, e sua oferta pelo jogador que estava para se tornar agente livre restrito: Zdeno Chara, Bill Muckalt e a segunda escolha daquele recrutamento, que viria a se converter em Jason Spezza.

Oito anos se passaram desde a saída de Yashin, e agora a história se repete, mas com contornos muito mais curiosos que o fenômeno anterior. Em junho, durante as finais da Copa Stanley, vazou a informação de que Dany Heatley teria demandado ser trocado, por motivos até então desconhecidos. O autor do vazamento até hoje não foi esclarecido. Suspeita-se tanto dos agentes de Heatley, visando a tornar mais rápida

uma ação do GG dos Senators, Bryan Murray, quanto também do próprio Murray, que teria vazado a informação já buscando transformar Heatley no vilão da história. Desde então, dois meses se passaram, e até hoje não está esclarecida a razão para o inesperado pedido do artilheiro de Ottawa. O motivo mais exposto, inclusive por pessoas próximas de Heatley, é que ele gostaria de assumir um papel de mais destaque no clube, tanto com o aumento do seu tempo de gelo, quanto assumindo a capitania da nau da capital canadense. Isso ia, e vai, de encontro com tudo que o novato treinador dos Senators, Cory Clouston, e a torcida canadense desejam. Está claro que o capitão da equipe, até o dia em que abrir mão desse papel voluntariamente, será Daniel Alfredsson. Assim como também está claro para todos que o mais importante para o time no momento seria justamente espalhar os seus atacantes mais perigosos em duas linhas diferentes, distribuindo mais uniformemente o poderio ofensivo da enfraquecida equipe.

Infelizmente, os planos de Clouston, que tanto funcionaram para que os Sens tivessem um forte final de temporada, parecem não ter agradado a Heatley. Apesar do desejo já manifestado, os Sens pediram que sua estrela tomasse um tempo para esfriar a cabeça e repensar a situação. Nada feito;

Heatley já tinha tomado a sua decisão. Até aí, tudo bem. A situação é razoavelmente corriqueira na NHL, e tudo é acertado por trás das cortinas, saindo todos felizes. Mas Heatley, pelo status de estrela e pela forma como as coisas se espalharam na liga, acabou se tornando um caso fora de controle.

Visando a controlar os danos já feitos, Murray conseguiu montar uma negociação com os Oilers, loucos por uma estrela capaz de marcar gols em uma franquia repleta de armadores. A negociação envolveria Dustin Penner, Andrew Cogliano e Ladislav Smid vindo para Ottawa em troca do insatisfeito atacante. Com pressa de finalizar a negociação, a troca foi anunciada para a NHL, que chegou a momentaneamente colocar a informação em seu site. Como a negociação se encerrava no dia 1.º de julho, Murray ainda economizaria US\$ 4 milhões, relativos à bonificação no salário do jogador (para esta temporada, o salário se divide nesse bônus e em outros US\$ 4 milhões, pagos ao longo da temporada). Negociação fechada, surgiu um novo problema. Heatley exerceu seu direito com a cláusula de não-transferência, alegando que a equipe de Alberta não fazia parte da lista disponibilizada à gerência dos Senators. Durante alguns dias, Heatley ainda ponderou a possibilidade de ir para os Oilers, sem jamais dar uma po-

sição definitiva. Até que o Edmonton, para manter seu orgulho próprio e fazer média com a torcida, já cansada do desprezo demonstrado por Dany, pulou fora.


Desde então, tudo não passa de especulação. Rumores de que os Sharks podem a qualquer momento adquirir Heatley (os Sharks fazem parte da lista de times “permitidos”) correm diariamente, sem nenhuma prova concreta de que a saga esteja perto do fim. O único dado concreto é que o campo de treinamento dos Senators abre no dia 12 de setembro, e, ainda que apenas publicamente, o clube divulgou em comunicado que aguarda a presença do jogador. A verdade é que a saga certamente não terá final feliz para nenhum dos lados. Heatley, aonde quer que vá, será defenestrado regularmente pelas suas atitudes, vistas ao redor da liga como dignas de uma verdadeira prima dona, especialmente depois de vetar uma troca, mesmo depois de ter pedido para sair. Os Senators, por sua vez, dificilmente terão um retorno à



altura da importância do jogador e de seus 40 a 50 gols por temporada. Caso a troca não venha a ocorrer, a situação pode ficar ainda pior, com o foco do time e da mídia em expor cada detalhe do conturbado relacionamento de ambas as partes, em uma franquia que já vem sofrendo para se reerguer após duas temporadas catastróficas.

Cientes de que será difícil repor a perda de seu artilheiro, os Sens já buscaram Alex Kovalev para minimizar a perda. E esperam que o retorno por

Heatley seja o melhor possível. Ou, quem sabe, que Heatley volte atrás em sua decisão e fique com o time. Não seria a primeira vez na história que isso ocorreria. A verdade é que a situação será esquecida rapidamente. No primeiro *hat trick* de Heatley frente a um grande rival, ou conseguindo reerguer os Sens com o retorno aos playoffs, as mágoas poderão ser esquecidas, e tudo poderá voltar ao normal no estranho reino de Ottawa – ao menos por enquanto. Por Daniel Novais



Com o goleiro Fleury batido, Scuderi faz três defesas em chutes de Franzen

O grande momento de Scuderi



Nenhum jogador viu seu valor disparar tanto quanto Rob Scuderi nos últimos playoffs. Defensor discreto (“Se você não me notou durante um jogo, é provável que minha atuação tenha sido boa”, diz), se seus Penguins tivessem ficado fora dos playoffs, como parecia provável até fevereiro, ele dificilmente conseguiria um contrato muito acima de US\$ 1 milhão anuais. Mas o crédito que ele teve ao “conter” Alexander Ovechkin durante a segunda fase — se Ovechkin foi contido e marcou 14 pontos na série, imagine se ele estivesse livre de qualquer marcação — foi amplificado depois do jogo 6 das finais, quando ele fez quatro

defesas que impediram que os Red Wings empatassem o jogo. No primeiro lance, impediu que Nicklas Lidström chutasse contra o gol vazio, o que repetiu por três vezes em poucos instantes contra Johan Franzen quando faltavam menos de 20 segundos para o fim do jogo.

O contrato que os Kings lhe ofereceram não foi nenhuma surpresa: US\$ 13,6 milhões por seis anos, ou US\$ 3,4 milhões contra o teto salarial, um generoso aumento sobre os US\$ 725 mil que ele ganhou na temporada passada. E um valor que os Penguins simplesmente não poderiam igualar, embora o jogador tenha dado tal chance ao agora ex-time. “Estou muito triste por sair, mas eu es-

tava confiante na minha escolha”, disse o jogador ao jornal Pittsburgh Post-Gazette. Scuderi deverá assumir o papel de mentor de jovens defensores como Drew Doughty, Thomas Hickey e Jack Johnson. “Tentamos criar uma cultura vencedora em Pittsburgh”, explicou Scuderi ao jornal Los Angeles Daily News. “Eu já vi como as coisas podem mudar rápido para um time. Acho que posso ser um dos jogadores ajudando a criar esse tipo de cultura aqui. Este é um time talentoso, com todos os defensores e caras como [Anze] Kopitar, [Dustin] Brown e [Alexander] Frolov. Eles não estão tão longe assim.”

O gerente geral dos Kings, Dean



Lombardi, em seu estilo sempre franco, comparou a assinatura de contrato com Scuderi à tentativa frustrada de contratar Brooks Orpik no ano passado. “Com Orpik”, conta Lombardi, “sabíamos o que o Pittsburgh tinha oferecido e fizemos nossa oferta, mas o [time atual] sempre vai ter uma última chance, e eles ficaram com ele. Agora sabíamos o que o Pittsburgh estava oferecendo. Teríamos que tirá-los completamente da jogada. Quando se fala de ofertas, não é só o dinheiro. É o custo de vida em Los Angeles e os impostos. Se você oferece US\$ 500 mil a mais, não é lá grande coisa quando se analisa por todos os lados.”

FRASES

Nós somos um time mole.

John Tortorella, técnico dos Rangers, falando sobre a atuação do time, não sobre seu estado físico.

Percebi que podia ser meu último jogo na NHL, e agora acho que minha carreira lá está encerrada.

Sergei Fedorov, agora jogador do Metallurg Magnitogorsk, da liga russa KHL.

É difícil olhar para várias das mulheres [americanas]. Há um grande número delas bem acima do peso. Não conseguiria me imaginar saindo com uma garota americana.

Semyon Varlamov, goleiro dos Capitals, fazendo relações públicas para o time e mostrando que não é barangueiro.

“Nem tem tanto a ver comigo, tem a ver com o Roenick. Ele é bom.”

Vince Vaughn, no filme *Swingers*, na fala que eternizou Jeremy Roenick como [ícone pop](#).

No geral, as fotos estavam boas. Bom trabalho, paparazzi!

Evgeni Malkin, dos Penguins, sobre suas fotos com a namorada em uma praia de Miami.

Dá para este time ganhar a Copa? Quem sabe? Dá para este time ficar fora dos playoffs? Quem sabe? Falar uma coisa ou outra é algo muito abstrato.

Bob Gainey, GG dos Canadiens, filosofando demais só para dizer que não faz ideia de que tipo de time montou.

O COO da NHL, John Collins, diz que a liga pode colocar anúncios em uniformes de jogo pelo preço certo.

A.J. Perez, jornalista do *USA Today*, em artigo sobre a possibilidade de times das ligas americanas colocarem patrocínios nos uniformes. Esperemos que o “preço certo” seja alto o bastante para afugentar qualquer interessado.

O futuro a Kovalchuk pertence



Em julho a atenção foi dividida entre diversos agentes livres irrestritos, ainda que nenhum tenha ganhado um contrato tão gordo quanto o de Marián Hossa. Já em julho do ano que vem teremos uma situação deveras interessante, com todos os holofotes voltados para Ilya Kovalchuk. Da mesma maneira que especulamos sobre o futuro de Alex Ovechkin antes de ele assinar um longo contrato com os Capitals, as especulações agora giram em torno do futuro de Kovalchuk em Atlanta. O atacante já demonstrou seu interesse em ficar nos Thrashers, mas condicionou sua permanência a um elenco reforçado. A resposta do gerente geral Don Waddell? Pavel Kubina e Nik Antropov. “Conseguimos um atacante e um defensor para nossas duas primeiras linhas”, comemorou Waddell. Essas são as duas maiores aquisições que já fizemos nesta época do ano.” Imagine as piores.

Ao menos a chegada de Antropov pode servir para convencer Kovalchuk de que Atlanta é um lugar bacana para

se morar, já que os dois russos são amigos. Não é de surpreender que Kovalchuk tenha mandado uma mensagem de texto para Waddell assim que soube da contratação do novo coleguinha com apenas duas palavras: “Bom trabalho.” Mas, como já dizia o velho ditado, “amigos, amigos, negócios à parte”. Acredita-se que Kovalchuk só continuará a morar na Avenida do Pessegueiro — ué, as ruas de Atlanta não se chamam todas assim? — se a diretoria se comprometer a montar um time verdadeiramente forte, algo que ela se mostrou incapaz de fazer mesmo com todas as escolhas altas no recrutamento entre o fim da década passada e o início desta. De um time de jovens com presente modesto e futuro supos-



tamente promissor, os Thrashers de repente viraram um time que briga por posições intermediárias: nem vão ser protagonistas nos playoffs, isso se chegarem lá, nem vão ter uma alta escolha no recrutamento para tentar se reforçar em médio prazo. É como se a fórmula de sucesso de Waddell fosse inspirada nos Maple Leafs, que sequer têm alguém do calibre de Kovalchuk. E todos sabemos que esse “modelo” vindo de Toronto está fazendo fumaça há muitos anos.

Quadrinhos Por Thiago Leal



PARECE QUE MARIÁN HOSSA ACHOU UM JEITO DE SE IGUALAR A JAROMÍR JÁGR...

E Nash vai ficar



A aposta dos Blue Jackets em Rick Nash não é importante por assegurar que o maior artilheiro da história da franquia ficará em Columbus por mais nove anos (seu contrato atual vencerá ao final da próxima temporada); ela assegura que, nos próximos anos, outros jogadores terão ao menos um bom motivo para assinar com os Jackets ou para não deixar o time. A decisão foi tão importante que o blog do jornal *Columbus Dispatch*, ao dar a notícia, usou como título algo que podemos traduzir como “Pode respirar aliviada, Columbus”. Já a torcida de Toronto, que esperava ansiosa pelo fim do contrato de Nash, na esperança que ele “voltasse para casa”, ficou na mão. Curiosamente, dois dias antes da extensão, Nash deu uma declaração que deve ter feito congelar a espinha até de torcedores pouco fanáticos. “Havia vários times distribuindo muito dinheiro [no dia da abertura do mercado de agentes livres]”, disse o atacante. “Se este contrato não sair, tenho certeza de que não terei problemas para assinar com outro time no ano que vem.” Um dia depois as partes já tinham praticamente acertado o que só seria divulgado 24 horas depois: um contrato de US\$ 62,4 milhões em oito anos, com cláusula barrando trocas nas cinco primeiras temporadas. “Ele é o nosso capitão, a fundação de nosso time e um dos jogadores de elite na NHL”, comemorou o gerente geral do time, Scott Howson.

O mundo da NHL no **Twitter**

hockeylogic Tenho dito às pessoas que o GG do Wild, Fletcher, ainda não acabou de construir o time DELE. Ele tem alguns truques engenhosos na manga entre agora e o jogo 20

Tom Chorske, 11:02 AM Aug 21st from web

Sully26 Nossos pensamentos e orações estão com José Théodore e toda sua família nestes tempos difíceis.

Steve Sullivan, 7:11 PM Aug 20th from web

kevinweekes Fiz uma grande visita ao nosso escritório da NHLPA em T.O, meus cumprimentos a Matt Langen, Devin Smith e Michelle Stajan por todo o belo trabalho que vocês fazem !!

Kevin Weekes, 10:49 AM Aug 19th from web

martinhavlat Estou planejando algumas grandes coisas na internet nas próximas semanas. Fique de olho aqui para um lançamento oficial em breve.

Martin Havlat, 7:46 PM Aug 12th from web

McAlpine39 Estou no campo de avaliação da seleção júnior dos EUA, em Lake Placid. O time azul está vencendo o branco por 6-2 antes do terceiro

Chris McAlpine, 9:27 PM Aug 7th from TinyTwitter

benhankinson Nenhum progresso nas conversas até agora. TB tem muita D.

Ben Hankinson, 1:43 PM Aug 3rd from txt

TheSlotBR Especial de férias está no forno. Sai dele antes do fim do mês, talvez já no próximo fim de semana.

TheSlot.com.br, 9:17 AM Aug 3rd from twhirl

danboyle22 Adorando as férias com minha filha. Treinando duro. Novo blog em www.danboyle22.com

Dan Boyle, 9:02 PM Jul 30th from web

pelias Em um maravilhoso jantar com todos os meus novos amigos em Vail. As pessoas aqui são muito legais e amigáveis. E eu disse Hip Hop Hip it to the Hop!

Patrik Elias, 12:51 AM Jun 24th from txt

MattBarnaby36 os torcedores de ambos os times foram demais!!

Matthew Barnaby, 8:34 AM Jun 13th from mobile web

bwitt32 acabo de me divertir muito no seaworld no fim de semana :) o tempo está quente e a pescaria boa peguei uma bela garoupa para o jantar mmmm

Brendan Witt, 4:03 PM Jun 12th, 2008 from web

muzz19 Oi, Adam!

Troy Murray, 10:14 PM May 27th from txt

Commish_Gary Estou orgulhoso de dar as boas-vindas a todos vocês para o primeiro #NHLTweetup! Aproveitem os jogos!

Gary Bettman, 8:02 PM Apr 15th from TwitterBerry

ovi8 obrigado a todos — acho que tiro umas férias disso por um tempo mas nunca se sabe quando eu volto — vejo vocês então

Alex Ovechkin, 6:11 PM Jan 30th from web

BGervais8 levando minha família para jantar no antigo porto e para um show do festival só para risadas.

Bruno Gervais, 5:41 PM Jul 7th, 2008 from web



Pelo desafio maior



Brian Burke, mostrando ser um entusiasta da cripto-zoologia, adicionou um monstro a sua organização — não, Mike Ricci não foi

resgatado de sua aposentadoria. Trata-se do guardião sueco Jonas Gustavsson, que, devido ao seu colossal tamanho e técnica dominante, atende pela alcunha de Monstro. Os Maple Leafs venceram, assim, o quadrangular pelos direitos federativos de Gustavsson. Os

outros cortejadores foram o Avalanche, os Stars e os Sharks. Todos atrás de um goleiro agressivo, que gosta de desafiar o chutador inimigo e cobre bem os ângulos com seu 1,91 metro e 88 kg.

Outra faceta de seu jogo que agrada em cheio a Burke é o aspecto mental: na última pós-temporada da Elitserien, Gustavsson foi uma barreira intransponível e inabalável. Por mais tráfego que tivesse a sua frente, o goleiro mantinha a fleuma. Sua excelente postura (média de

1,03 de gols sofridos e 93,2% de defesas) garantiu o oitavo título nacional do Färjestad BK — o terceiro nesta década. Já na temporada regular, o Monstro já havia apresentado o melhor desempenho entre atletas de sua posição. Vale lembrar que, com esse estrepitoso sucesso, Gustavsson manteve Reinhard Divis, o maior arqueiro austríaco de todos os tempos, no banco durante todo o mata-mata.

Após sagrar-se campeão da Elitserien, ele foi representar os súditos do



rei Carlos XVI Gustavo no Mundial da Suíça, onde consolidou seu status de um dos melhores goleiros do mundo fora da NHL — quiçá o melhor —, ganhando palavras elogiosas de gente graúda no cenário mundial. O legendário Peter Forsberg chegou a dizer que Denver era o lugar ideal para seu compatriota. Segundo a ex-estrela do Colorado, a pressão menos intensa da imprensa e da torcida nas Rochosas seria uma vantagem sobre Toronto. Mas as incertezas que permeiam o mundo borgonha-azul, além da titularidade absoluta de Evgeni Nabokov nos Sharks, fizeram com que a escolha ficasse entre Leafs e Stars. Aí a figura bolachuda de Burke ganhou o jogo.

O dirigente dos Leafs esteve no país helvético acompanhando a competição e gostou muito do que viu, colocando entre suas prioridades a obtenção do guarda-redes escandinavo. Até mesmo recorreu a uma personalidade da história do clube, o ex-defensor Börje Salming, que logo entrou em contato com o arqueiro, fazendo uma descargada boca-de-urna pró-Leafs junto ao compatriota. Um sensível (!) Burke até mesmo quis ir ao funeral da mãe de Gustavsson, falecida logo após o Mundial. Mas como apenas familiares foram permitidos restou ao gerente geral dos Leafs um jantar de aproximação alguns dias depois. Em junho foi a vez de o sueco visitar Toronto, onde pôde ver que se tratava mesmo de uma cidade do hóquei, como queria. Uma atmosfera desafiadora em uma organização extremamente popular, além de uma diretoria que realmente correu atrás de seus serviços. Assim sendo, o atleta de 24 anos acabou op-

tando mesmo pelos Maple Leafs.

“No final, quando tive tempo para digerir todas as informações, gostei do Toronto porque é um bom time jovem, com jogadores em uma curva crescente, um bom treinador e um ótimo gerente geral”, disse Gustavsson. “[Burke] fez algumas viagens à Suécia para conversar comigo, e isso me mostrou que eles realmente queriam contar comigo.” Burke também não poupou elogios na direção oposta: “Jonas é considerado por muitos como o melhor goleiro fora da NHL no momento. Ele tem uma combinação única de tamanho e agilidade, e estamos empolgados por adicionar um jogador com esse potencial à nossa equipe.”

O indômito arqueiro chega sabendo que a titularidade da equipe por ora é de Vesa Toskala. Pela primeira vez em seus dois anos em Ontário, o finlandês

seu companheiro de balizas, mas que buscará o protagonismo na meta azul. “[A reserva] é uma nova situação para mim, e será duro”, disse Gustavsson. “Estou indo para a NHL para melhorar e [eventualmente] tornar-me o goleiro número 1. Se isso vai acontecer em um mês, um ano ou dez anos, eu não sei. O que cabe a mim agora é tirar o melhor proveito disso tudo.”

A chegada do escandinavo foi um golpe em Justin Pogge, até então tido como o arqueiro do futuro em Toronto. A força mental que sobra no sueco é tida como falha no jovem canadense. Um goleiro com cabeça fraca é tão útil para um time de hóquei quanto um eunuco na indústria pornográfica. Não por acaso, Pogge, que pouco mostrou nas poucas oportunidades que teve na NHL, foi mandado para o Anaheim em agosto.

O título sueco e a atuação no Mundial consolidaram Gustavsson como um dos melhores goleiros fora da NHL

terá uma defesa interessante à sua frente (Mike Komisarek, Tomas Kaberle, Luke Schenn, François Beauchemin e até mesmo o [bolicheiro](#) Garnet Exelby), e Wilson acha que só assim poderá ver o que Toskala é capaz de fazer pelos Leafs. Na última temporada, porém, contusões também fizeram parte do itinerário do arqueiro, outro motivo para a caçada desenfreada a Gustavsson, que, por sua vez, diz respeitar a posição de

Devido à faixa etária em que está incluído, o goleiro formado na base do AIK Solna (o grande que definha na segundona sueca) só pôde assinar com os Leafs por um ano — nos valores de US\$ 900 mil, mais bônus de US\$ 90 mil. Na próxima temporada Toskala tornar-se-á agente livre irrestrito. O tempo dirá quem será o sobrevivente dessa nova contenda entre finlandeses e suecos. Por **Eduardo Costa**



O empresário Drew Rosenhaus ganhou um novo cliente. Não é ne-

nhum jogador de hóquei ou de futebol americano, sua especialidade. É a torcida dos Panthers. Sua missão será negociar o preço dos carnês de ingressos para a 2009-10. Tudo de mentirinha. Ele foi contratado, na verdade, pelo clube, em uma campanha de marketing viral que pegou a torcida de surpresa no fim de junho com um tweet e um *press release*, este com um tom bem brando que já dava a entender que o clube teria algo a ver com a história. Não demorou para o clube confirmar que era parte da estratégia de marketing para promover a próxima temporada. Dá para imaginar que, ao final da campanha, os preços dos ingressos, hoje acima da média da liga, cairão, só não se sabe quanto, pois os Panthers não divulgam. “Pareceu que não iria tomar muito do meu tempo, e conseguimos agendar tudo de acordo com meus compromissos”, contou Rosenhaus. “Fiquei feliz de participar, e isso ainda serve para mostrar que empresários e clubes conseguem, sim, trabalhar juntos por uma boa causa.” O que o empresário ganhar com a campanha será doado à Fundação para Pesquisas de Diabetes, mas seus clientes também receberão ingressos para jogos dos Panthers.



O técnico dos Penguins, Dan Bylsma, estava a poucos minutos de andar no tapete vermelho do Palms

Resort and Casino, em Las Vegas, para a cerimônia de entrega dos prêmios anuais da NHL, em junho. Quando seu celular tocou, não é difícil imaginar que ele tenha se perguntado quem estava ligando naquela hora imprópria. Mal ele atendeu a ligação, e ouviu: “Por favor aguarde, que o presidente vai falar.” Ele já sabia que o presidente norte-americano Barack Obama iria ligar a fim de cumprimentá-lo pelo título da Copa Stanley e convidar o time para visitar a Casa Branca, só não sabia quando, e a hora não poderia ser mais imprópria. Não por causa do evento que começaria em alguns minutos, mas porque sua bateria estava quase no fim.

“Meu carregador deve estar quebrado”, explicou Bylsma. “Então não

consigo carregar meu telefone. Quando atendi a ligação, fiquei pensando: ‘Por favor, não acabe. Por favor não acabe.’” Como a conversa foi rápida — Obama já visitou mais lanchonetes pós-sujos em Washington do que jogos de hóquei desde que assumiu a presidência em janeiro, o que demonstra que hóquei não está entre suas prioridades —, a bateria aguentou. O que eles conversaram? “Falamos sobre os dois títulos de Pittsburgh, com os Steelers [ganhando o Super Bowl]”, contou o técnico. “E ele lamentou um pouco, pois esperava que o Chicago chegasse [às finais] e tivesse chance, ou os Capitals. Ele falou ainda sobre como o pessoal jogou, que foi algo incrível de se assistir.” Menos estranho do que o fato de Obama ter sugerido que assistiu às finais foi ele ter evitado falar o nome de Bylsma, com medo de errar a pronúncia. O vocativo usado foi simplesmente “Técnico”.



Já foi confirmado que os Bruins serão os anfitriões do próximo

Clássico de Inverno, em 1.º de janeiro de 2010. O que nem eles ainda sabem é qual uniforme o time vestirá. O *benchmark* escolhido pela diretoria é o uniforme azul que os Penguins usaram no primeiro dia de 2008, sucesso de vendas até hoje. “Aquilo funcionou porque não eram necessariamente as cores do time”, disse Charlie Jacobs, diretor dos Bruins. “Não havia preto ou dourado, e isso tornou-a única.” Jacobs espera até o final de agosto ter decidido, junto à NHL e à Reebok, qual será o visual a ser usado. As premissas? Capturar a tradição do time, surpreender como um produto único e ter apelo comercial. Por enquanto, o Boston já revisitou todas as camisas que usou ao longo de sua história, destacando o que a diretoria gostou ou não gostou em cada uma. O produto final, de acordo com Jacobs, pode ser uma camisa retrô ou um novo uniforme que incorpore novos elementos. É pouco provável que, independentemente da escolha, não haja as cores do time no visual, embora valha a pena destacar que os Bruins já usaram camisas com marrom escuro e amarelo mostarda — incluindo a horrível camisa de meados dos anos 1990.



Ryan Kraft é um torcedor dos Penguins que mora em Ohio e, de bicão, conseguiu participar da festa que seu time fez com a Copa Stanley logo após o jogo 7 das finais. Veja sua história: “Depois do jogo, eu e meus dois amigos fomos para um pouco mais perto das bordas para tirar fotos. Enquanto batíamos, os Penguins patinavam com a Copa Stanley e depois fizeram a foto do time. A partir daí, familiares puderam entrar no gelo. Foi então que eu fui para o lugar onde um familiar estaria. Depois de uns 15 minutos, [o defensor] Philippe Boucher apareceu e apontou para o sujeito na minha frente. Quando o cara levantou sua mão, eu levantei a minha. O segurança viu a nós dois, abriu a porta e todo mundo imaginou que eu fosse um parente. Uma vez no gelo, é fácil. Eu tinha acesso ao túnel que levava ao vestiário, enquanto tudo era uma festa só — jogadores em todos os cantos, comemorando, tocando música e espirrando

champanhe. Uns jogadores me levantaram e me balançaram. Eu também espirrei champanhe. Sensacional. Quando eu estava no corredor para o vestiário, Mario Lemieux passou por mim. Coloquei meu braço em volta dele, puxei minha câmera e bati uma foto. Essa é a minha favorita. Já a foto que bati com a Copa eu não sabia se tinha conseguido. No vestiário, quando o troféu estava sendo passado de mão em mão, eu disse para um cara: ‘Você tem de bater minha foto com a Copa!’ Mas a luz vermelha da câmera estava piscando. Eu beijei a Copa, levantei-a sobre minha cabeça e o sujeito bateu a foto no instante em que a bateria acabou. Eu só soube que a foto tinha saído quando cheguei em casa [em Dayton, Ohio] às sete da manhã. Fiquei aliviado. É uma grande história. Não vou deixar ela morrer. Levo algumas dessas fotos a todo lugar que vou. É divertido. Que noite maravilhosa, coisa de uma vez na vida. Fico feliz que tenha acontecido comigo.”

➡ O teto salarial será aumentado para a próxima temporada. Em apenas US\$ 100 mil, mas será aumentado. Como muitos temiam que ele até caísse, o que certamente teria impacto na negociação com agentes livres, o aumento foi bem-vindo. Vale lembrar que mesmo esse aumento só ocorreu graças a uma brecha no acordo coletivo de trabalho, que permite à associação de jogadores solicitar um reajuste de 5% em determinadas condições.

➡ Dois confrontos se destacam na primeira semana da temporada de 2009-10 da NHL. Em Long Island, os Islanders do recém-recrutado John Tavares receberão os Penguins de Sidney Crosby e Evgeni Malkin, enquanto a torcida dos Red Wings poderá dar as “boas-vindas” a Marián Hossa e seus Blackhawks em Detroit, mesmo com o jogador contundido.

➡ As Olimpíadas de Inverno, que serão realizadas em Vancouver em janeiro, atrapalharam bastante o calendário dos Canucks: por mais de seis semanas eles não jogarão em casa. Serão 14 jogos seguidos como visitantes, oito antes da pausa olímpica e seis depois. Para compensar, em dezembro serão oito jogos consecutivos em casa, e a temporada terminará com dez dos últimos quinze jogos no GM Place.



➡ Também foi divulgado que o próximo Clássico de Inverno será disputado em Boston, no Fenway Park, casa dos Red Sox, envolvendo Bruins e Flyers. A informação já era especulada desde semanas antes do anúncio, em 15 de julho, e mesmo a confirmação [vazou antes](#) no Twitter.

➡ Nossa competentíssima copeira, Maríldice de Jesus, ganha um salário mínimo (“mais a grana do busão”) e nunca colocaria uma franquía de hóquei no gelo em Nashville. Depois de descobrirmos que o salário de Gary Bettman no ano passado foi de US\$ 7,1 milhões, sugerimos Maríldice como substituta para o cargo de comissária da NHL. Seria uma bela economia, além de um upgrade em termos de QI.



➡ Ty Conklin é o terceiro goleiro reserva do Detroit a assinar contrato com os Blues desde 2002. Os outros foram Chris Osgood e Manny Legace. Conklin é o único jogador a ter participado dos três Clássicos de Inverno, e nas duas últimas edições foi o titular do time visitante — que ganhou o jogo e, seis meses depois, perdeu as finais da Copa Stanley. Ainda não é tarde para trocar os Flyers pelos Blues na programação.

➡ Nesta pré-temporada os Leafs farão uma nova promoção com a Coca-Cola Zero: um carro publicitário com a marca do refrigerante circulará pela região e distribuirá gratuitamente ingressos para uma das partidas preparatórias. A ideia foi um sucesso tão grande que muitos dos ingressos “gratuitos” do ano passado acabaram vendidos, com bom lucro.

➡ Jacques Lemaire é o novo técnico dos Devils. Foi ele o responsável, em meados da década de 1990, por transformar o time de motivo de piada na liga para campeão da Copa Stanley e presença frequente nos playoffs. Todo esse sucesso, entretanto, não o livrou das críticas pelo estilo excessivamente defensivo, que ele também aplicou em sua longa passagem pelo Wild nesta década. Os Devils jogaram mais abertos na temporada passada. Devem voltar a se fechar na próxima.

➡ O time júnior Ottawa 67s arrumou uma maneira de vender muitos ingressos e ainda arrumar patrocinador para o nome do estádio. Qualquer empresa pode pagar US\$ 1 mil e ficar com dois carnês de ingressos para a temporada e direito a usar um camarote em uma das partidas. Além disso, entra em um sorteio para o nome do estádio, a ser realizado em 25 de setembro.



➡ Os atuais campeões dos três principais esportes americanos são da Pensilvânia, então a capital do estado, Harrisburg, organizou um evento para expor, lado a lado, a Copa Stanley, o Troféu Vince Lombardi (futebol americano) e o Troféu da Série Mundial (beisebol).